

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.09>

A criança, a literatura, o livro e três escritoras- mediadoras durante o Estado Novo em Portugal

*The child, the literature, the book and three writer-mediators
during the Estado Novo period in Portugal*

Sara Reis da Silva¹

Resumo: Partindo do pressuposto da imbricação do campo literário – em particular, da literatura que possui na criança o seu potencial destinatário extratextual – e da realidade social e centrando a atenção no período do Estado Novo ou da ditadura em Portugal (1926-1974), revisita-se o percurso biobibliográfico multifacetado de três reconhecidas escritoras-mediadoras do universo literário e cultural português, a saber: Alice Gomes (1910-1983), Ilse Losa (1913-2006) e Matilde Rosa Araújo (1921-2010). Acentua-se a sua acção cívica e sempre em prol da criança, dos seus direitos, da literatura, do livro e, também, da arte em geral, sugerindo, portanto, a relevância dos autores de literatura para a infância para a tão desejada mudança política antes da Revolução de Abril e, muito especialmente, para a urgência da legitimação da educação literária e/ou para uma sensibilização da criança para arte.

Palavras-chave: Infância. Literatura. Mediação literária e cultural.

Abstract: Based on the assumption of the imbrication of the literary field – in particular, literature that has in children its potential extratextual recipient – and social reality and focusing attention on the period of the Estado Novo or the dictatorship in Portugal (1926-1974), we revisit the multifaceted biobibliographic journey of three recognized writers-mediators of the Portuguese literary and cultural universe, namely: Alice Gomes (1910-1983), Ilse Losa (1913-2006) and Matilde Rosa Araújo (1921-2010). Their civic action is emphasized and always in favour of children, their rights, literature, books and also art in general, suggesting, therefore, the relevance of children's literature authors for the much-desired change politics before the April Revolution, and, very especially, to the urgent need to legitimize literary education and/or to raise children's awareness of art.

Keywords: Childhood. Literature. Literary and cultural mediation.

¹ Instituto de Educação e Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Introdução

Manuel Frias Martins, em *A Lágrima de Ulisses. Regimes da Cultura Literária*, no capítulo “O Contrato Cívico da Literatura”, propõe que “o escritor ou o artista pode intervir militantemente em diversas ações de exercício da cidadania”, mas enfatiza que “é o artista, não a arte, que o faz.” Acrescenta, ainda, “Aliás, quase sempre quanto melhor e mais respeitada é a obra pelo seu valor estético, mais representativo e eficaz na ação política e social é o artista. Mas é o *artista-cidadão que brota da obra e não o inverso [...]*” (MARTINS, 2021, p. 95-96). Assim, campo literário e realidade social não se excluem.

Menos ainda, talvez, quando se vive um regime sócio-político em relação ao qual a literatura e aqueles que a ela se dedicam sonham a mudança, como a que Portugal aspirou durante cerca de cinco décadas (1926-1974). Manifestamente encolhido e espartilhado por uma ditadura que se estendeu durante 48 anos, Portugal, como outros países com contextos e circunstâncias similares, viveu tempos complexos durante o regime estadonovista, encabeçado por Salazar e por Marcelo Caetano (entre 1968 e 1974, ano da Revolução de Abril e da instauração da democracia). A História tem problematizado articuladamente os efeitos da opressão, do controlo milimétrico, do silenciamento, da censura (SILVA, 2023) e do fechamento sobre si sentidos em diferentes quadrantes sócio-culturais. Na educação, na escola, no ensino, na leitura e no livro e na sua divulgação², em suma, na cultura, *latu sensu*, as marcas foram indeléveis e as suas repercussões ao nível da própria infância muito marcantes. De notar que “A contaminação do universo infantil com a ideologia será uma constante da primeira fase

² Honrosa exceção foi a da Fundação Calouste Gulbenkian e do seu serviço de Bibliotecas Itinerantes, iniciado em 1958, uma acção notável que tinha como objectivos, como lembra Martins (2014), “promover e desenvolver o gosto pela leitura e elevar o nível cultural dos cidadãos.” (MARTINS, 2014: 160).

do salazarismo e teve veículos vários, alguns dos quais com enorme poder de persuasão junto do público-alvo.” (MARTINS, 2014, p. 141).

Nesse contexto, houve, no entanto, um grupo de “artistas-cidadãos”, ou melhor, artistas-cidadãs que foram escritoras para a infância (mas não apenas), com uma obra literária de reconhecida qualidade estética, com uma notória verticalidade de carácter, e que, em muito, contribuíram para a percepção da individualidade da criança, para a sua formação cultural e para a mediação da leitura e da arte, manifestando-se publicamente e empreendendo acções concretas na defesa da educação literária e artística.

Três escritoras-mediadoras de leitura: Alice Gomes, Ilse Losa e Matilde Rosa Araújo

Alice Gomes (1910-1983), por exemplo, integra este conjunto de figuras cimeiras da cultura portuguesa³ de vozes clássicas a visitar (SILVA, 2022). Autora, tradutora – foi a primeira tradutora, em 1959, de *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry – e pedagoga (uma dedicada professora), além de conferencista⁴, foi uma mulher de ação, que se bateu por causas antifascistas e que se distinguiu como “um elemento proeminente de várias actividades ligadas à criança” (ROCHA, 1984, p. 107). Irmã do escritor Soeiro Pereira Gomes (1909-1949), autor do memorável *Esteiros* (1941) e do matemático Alfredo Pereira Gomes (1919-2006), fez formação superior no Porto, onde concluiu o Curso do Magistério Primário e onde foi professora do Instituto Normal Primário. Depois, em Lisboa, formou-se em Ciências Pe-

³ Em 2010, por ocasião do centenário do nascimento, a Biblioteca Nacional de Portugal organizou uma Mostra intitulada “Alice: poesia e prosa de uma vida” – vide divulgação aqui: https://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=552%3A2010&Itemid=597&lang=pt

⁴ Em 1972, no âmbito de um Ciclo de Conferências “sobre literatura infantil” organizado pela Direcção Geral de Educação Permanente, proferiu a conferência “O autor e a comunicação no livro infantil”.

dagógicas. Na capital, leccionou no Liceu Francês Charles Lepierre. Aí, teve a oportunidade de pôr em prática um método por si concebido destinado a crianças estrangeiras que se encontravam a aprender língua portuguesa (*Aprender Sorrindo*, 1970). Como docente, lecionou, ainda, Literatura Infantil na Escola de Formação de Educadoras de Infância João de Deus e publicou, nesse âmbito, *A Literatura para a Infância* (1979). Essa obra é resultante do Programa seguido na referida disciplina e passou a ser um “clássico do estudo da literatura para a infância” (MAGALHÃES, 2021, p. 282).

Depois de, em 1934, ter casado com o activista político, poeta, novelista e crítico literário Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)⁵, de, em 1938, ter nascido o único filho do casal⁶, e das insustentáveis perseguições da PIDE, decide exilar-se no Brasil, de onde regressa um ano depois.

A sua profícua dedicação e/ou a actividade em prol da infância e da arte substantivam-se não apenas numa série de obras de ficção (poemas, contos e textos dramáticos) – da qual fazem parte, por exemplo, a antologia *Poesia para a Infância* (1955), *Bichinho Poeta* (1970)⁷, e, datada de 1967, *As Histórias do Coca-Bichinhos*, além de, entre outros, o texto dramático *Os Ratos e o Trovador* (1973) –, sendo uma “grande divulgadora da literatura para crianças” (GOMES, 1997 p. 41), e, ainda, na organização de exposições de arte infantil e na

⁵ Em 1954, Adolfo Casais Monteiro fixou-se no Brasil. Aí leccionou, desde então, Literatura Portuguesa em diversas universidades brasileiras, designadamente na Universidade da Bahia (Salvador), até se fixar, em 1962, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara-SP. Escreveu, nessa época, vários ensaios. Também, escreveu, como crítico, para vários jornais brasileiros, tendo deixado contributos para o estudo de Fernando Pessoa e do grupo da Presença.

⁶ João Paulo Gomes Monteiro (1938-2016), professor universitário e filósofo. Lecionou no Brasil (Universidade de São Paulo) e em Portugal (Universidade de Lisboa).

⁷ Este é um livro muito relevante da História da Literatura Portuguesa para crianças que contribuiu visivelmente “para a renovação da poesia para a infância” (GOMES, 1997, p. 61).

encenação de peças de teatro para crianças e jovens⁸, mas também no facto de ter sido professora do ensino primário e do ensino bilingue, como sugerimos, de ter feito parte do Comité Português da UNICEF e de ter fundado a cooperativa A Biblioteca e, em 1957, a Associação Portuguesa para a Educação Pela Arte (APEA)⁹, colectivo que a autora muito divulgou em jornais, revistas, na rádio e na televisão. Individualmente ou no âmbito dos trabalhos nessa Associação, Alice Gomes, muito pioneira nesse domínio, em Portugal, desenvolveu intensa reflexão e múltiplos trabalhos em torno da defesa dos benefícios da arte, da sensibilização para a literatura, da cultura para a infância e da promoção do gosto pela leitura, sempre ciente do apelo às emoções e à empatia (COMPAGNON, 2010, p. 47), que, no discurso literário, se celebra.

Em síntese, como enfatiza Violante F. Magalhães, “Alice nunca deixou de intervir civicamente na sociedade. Antes do 25 de Abril, protestou sempre que entendia fazê-lo (caso da participação num encontro contra a Censura, em 1958; depois colaborou em organismos que considerava relevantes, em especial aqueles que se destinassem à defesa da infância.” (MAGALHÃES, 2021, p. 279).

Ilse Losa (1913-2006)¹⁰, judia alemã que, em 1934, fugida do regime/perseguição nazista, fixou-se em Portugal, mais concretamente, na cidade do Porto, tornando-se, assim, “portuguesa de adopção”

⁸ Como regista Maria de Lurdes Magalhães. Disponível em: <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?Auto-rid=13415>. Acesso em: 13 jan. 2023.

⁹ Dessa Associação, fizeram igualmente parte Lília da Fonseca (1906-1991), Maria Lúcia Namorado (1909-2000), Natércia Rocha (1924-2004) ou Leonoreta Leitão (1929-), entre outros.

¹⁰ Por ocasião do centenário do seu nascimento, a Biblioteca Nacional de Portugal organizou uma Mostra – disponível em https://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=840%3Amostra-ilse-losa-9-set-16-nov&catid=163%3A2013&Itemid=867&lang=pt-, bem como a publicação de um catálogo – disponível aqui: <http://livrariaonline-ebooks.bnportugal.gov.pt/book/ilse-losa-1913-2006/I0C0ZI>.

(ROCHA, 1984, p. 90), e que, nesse país, viria a exercer uma relevantíssima actividade como autora, tradutora, editora e pedagoga, distinguindo-se pela sua dedicação à cultura. A sua obra *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, substantivando, com frequência, uma “profunda ligação ao real” (ROCHA, 1984, p. 106) ou um olhar atento e crítico face ao quotidiano de crianças e adultos, foi galardoada com o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças, em 1984. E, em 1989, vê o seu livro *Silka* ganhar o Prémio Maçã de Ouro da Bienal Internacional de Bratislava pelas ilustrações de Manuela Bacelar.

No volume *Nós e a Criança – Um Livro para os Pais*, obra reveladora do conhecimento e do interesse da autora pelo mundo infantil, Ilse Losa defende: “O papel da literatura infantil é tão grande como o papel de qualquer outra obra de arte” (LOSA, 1980, p. 141). Com efeito, a literatura para a infância e a sua relevância representam apenas um (entre muitos outros) dos tópicos sobre os quais a autora de *O mundo em que vivi* (1949) se detém no volume supracitado, publicado em 1954¹¹, no qual se encontram coligidos quarenta e cinco artigos sobre educação infantil. A importância da arte e do seu contributo essencial para a sensibilidade estética e para criatividade, sempre defendidas pela autora, perpassam muitos desses ensaios, designadamente “Um problema a resolver: a literatura infantil”, “A criança desenha”, “Arte infantil ao serviço da literatura?”, “A poesia”, “A música”, entre outros. Mas a “viva prospecção” no mundo infantil, como a esse livro se refere João José Cochofel (1919-1982)¹², centra-se igualmente em situações do quotidiano da criança, nas relações familiares, na linguagem e na comunicação com a criança, na educação, em questões de saúde, em aspectos da psicologia infantil (por exemplo, a regulação de com-

¹¹ Com a chancela da Porto Editora, esse livro de ensaios terá mais duas edições: 1967 e 1980 (esta foi refundida e aumentada).

¹² Em excerto de artigo na revista *Vértice*, patente na badana final da obra.

portamentos ou a mediação de conflitos, por exemplo) e em outros relativos à convivência com o outro, nos jogos e brincadeiras, entre vários outros.

Ilse, com a sua actividade multifacetada, preenchida de ficção para crianças¹³ e adultos, enriqueceu muitíssimo a vida cultural portuguesa. A Ilse devemos, por exemplo, a extraordinária tradução de *O Diário de Anne Frank* (um exemplo apenas das muitas que verteu para a nossa língua) ou a coordenação, a partir de 1974, da colecção Asa Juvenil, na qual foram publicadas obras de nomes muito relevantes da literatura infanto-juvenil portuguesa, designadamente Álvaro Magalhães (1951-), António Mota (1957-), Luísa Ducla Soares (1939-), entre outros. A essas actividades, juntamos também o facto de, entre 1973 e 1976, ter sido professora convidada de Literatura para a Infância e a Juventude na Escola do Magistério Primário do Porto.

Uma nota, ainda, para registar o importante trabalho de investigação sobre a relevância de Ilse Losa e da sua obra no panorama literário e cultural português, levado a efeito por Ana Cristina Macedo, no âmbito da elaboração da sua tese de doutoramento, estudo aturado e rigoroso, intitulado *A Escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude* (2018, Tropelias & C.^a). E, nesse trabalho, centrado na obra dessa figura tutelar das letras portuguesas, pode ler-se que a autora teve um intenso convívio com muitos nomes da vida cultural e intelectual portuguesa, que colaborou assiduamente na imprensa (por exemplo, na *Vértice*, em *Os Nossos Filhos* e *Seara Nova*, entre outros) e que foi: “uma das primeiras a espelhar uma visão distinta sobre a criança e, conseqüentemente, uma visão inovadora e arejada sobre o concei-

¹³ Sobre esta *vide*, por exemplo: SILVA, Sara Reis da (2013). “Entre o sonho e o real quotidiano: uma revisitação do texto dramático de Ilse Losa”. In: *Atas do Seminário “Sob céus estranhos uma artista chamada Ilse”* (Biblioteca Municipal de Esposende, 09 de abril de 2013). Esposende: C.M.E., p. 61-70.

to de literatura infantil.” (MACEDO, 2018, p. 26). A esse apontamento juntamos, ainda, o seu contributo também para a reflexão acerca do cinema para crianças, como atesta o texto “O papel do cinema na vida da criança”, publicado no n.º 4 da colecção “ projecção: Cadernos de Cinema”, O Cinema e a Criança (1954).

Não restam, pois, dúvidas quanto ao valioso e polifacetado legado de Ilse Losa, uma escritora que, como preconiza José António Gomes,

Hoje, [...] merece sobretudo que bibliotecas e escolas (designadamente as do Porto, cidade que a «adoptou») dêem destaque aos livros que nos deixou, encontrando modos de continuar a dar a lê-los aos mais novos, mantendo assim esta escrita viva e actuante. É que Ilse Losa foi, a vários títulos, uma voz inovadora e, a partir de 1949, concorreu, de maneira decisiva, para a renovação da literatura portuguesa dirigida aos mais pequenos. Foi, ademais, assumida antifascista e democrata, que, a partir de finais dos anos trinta, conviveu com uma notável plêiade de homens e mulheres que dinamizaram – com todas as dificuldades impostas pelo salazarismo – a vida cultural, literária e cívica do Porto entre a década de quarenta e o 25 de Abril de 1974.¹⁴

Matilde Rosa Araújo (1921-2010)¹⁵ é igualmente um dos casos paradigmáticos no âmbito do envolvimento com e na cultura, especialmente no que à infância diz respeito. “Representante soberba do nosso cânone de literatura infantil” (MAGALHÃES, 2021, p. 300), candidata portuguesa ao Prémio Hans Christian Andersen, em 1994, e autora de uma obra considerável que se reparte pela escrita para adultos e para a infância¹⁶, pela poesia, pelos contos e pelo ensaio, organizou, ainda,

¹⁴ Vide <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=13434>. Acesso em: 13 jan. 2023.

¹⁵ Após o seu óbito, em 2010, a Biblioteca Nacional organizou uma Mostra – divulgação disponível aqui: https://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=543%3Amostra--matilde-rosa-araujo-1921-2010&catid=144%3A2010&Itemid=588&lang=pt.

¹⁶ Sobre esta, vide, por exemplo: SILVA, Sara Reis da (2019). “Contigo, sei escutar a música mágica do mundo”: a influência neo-realista na obra para a infância de Matilde Rosa Araújo”. In: CARMO, Carina Infante do; MAGALHÃES, Violante F. (coord.). Neo-realismo e infância. Lisboa: Edições Colibri. p. 287-296; SILVA, Sara Reis da. As bonecas na escrita para a infância de Matilde Rosa Araújo. Seara Nova, n. 1757, p. 27-30, inverno 2021.

duas antologias de textos literários – *As Crianças Todas as Crianças* (1979) e *A Infância Lembrada* (1986) –, bem como os manuais escolares para o Ensino Preparatório, *Ler* (1971), e para o Ensino Primário, *O Sol* (1976). Se a sua obra para a infância, inaugurada com *O Livro da Tila* (1957), é uma das mais emblemáticas e reconhecidas, justamente premiada¹⁷, pelo estilo simples e sinestésico ou pela atenção original ao mundo, aos “segredos e brinquedos” da infância, a verdade é que a Matilde interessava também e sobretudo o que a infância era verdadeiramente, as vivências das crianças, as suas fragilidades e alegrias, em suma, a sua individualidade sempre por si respeitada e revelada sem qualquer tipo de preconceito, mas com íntegro afecto e verdade, especialmente quando se refere (ou poetiza) às (as) crianças mais pobres, que sofrem ou se encontram desprotegidas. Assim, com a coerência que sempre a distinguiu, preconizou a escritora Matilde: “Se o escritor não estiver com a criança, desperto para o tal segredo da infância, cairá no que podemos chamar verdadeiramente inútil: histórias com situações falsamente infantis, de duvidosa ligeireza, fabricadas para uma criança, que se ignora portadora generosa do tal segredo da infância”. (ARAÚJO, 1986, p. 9).

A intervenção cívica em defesa da criança foi uma constante na sua vida. E esta é uma circunstância que as seguintes palavras da autora, registadas na introdução de *A Estrada Fascinante* (1988), um conjunto de ensaios que norteavam muitas das suas aulas de literatura para a infância na Escola Superior de Educação João de Deus (MAGALHÃES, 2021, p. 299), bem servem de justificação:

¹⁷ Em 1980, recebeu Grande Prémio de Literatura para Crianças da Fundação Calouste Gulbenkian e o prémio para o melhor livro infantil por *Fadas Verdes* (1996). A novela *O Palhaço Verde*, um dos seus primeiros títulos, foi considerada como melhor livro estrangeiro pela Associação Paulista de Críticos de Arte de São Paulo (1991).

Sei, pelo que tenho vivido nas escolas junto das crianças e adolescente, que não posso separar literatura infanto-juvenil da existência da criança como um ser inteiro que respeitamos, escutamos, com o qual dialogamos. Ser com uma existência social específica, sem recorte actuante dentro da sociedade, mas, nela, cheio de força e de condição. [...] Esta “reflexão” trouxe-me o entrecruzado dialéctico mundo infância/adulto, encontro na aventura apaixonante que é estar com a Criança¹⁸: a nossa memória acorda e sabemos que a escrita para adultos não está longe do que fomos, do que amámos ou repelimos enquanto crianças. E tudo quanto quisemos exigir no futuro. (ARAÚJO, 1988, p. 9-10).

Note-se a acção cívica de Matilde se substantivou, por exemplo, na sua participação como sócia-fundadora do Instituto de Apoio à Criança (1983) e do comité português da UNICEF (1979), bem como da Cooperativa LUDUS – Círculo de Realizações para a Infância e a Juventude (1967), esta última ainda durante o Estado Novo.

Por fim, resta lembrar que Matilde foi professora de Português e Francês do Ensino Técnico, até inícios da década de 70 do século passado e que, logo após o 25 de Abril de 1974, juntamente com Natércia Rocha, agiu de forma determinante na introdução da disciplina de Literatura Infantil nos planos de estudos de escolas públicas de formação de educadores e professores. Aliás, logo em 1975, iniciou a sua atividade letiva, como professora de literatura infantil, no Magistério Primário de Lisboa e, entre 1989 e 1995, exerceu a mesma função na Escola Superior de Educação João de Deus. Foi, pois, também formadora de docentes. Retomando, ainda, algumas palavras de Maria Augusta Seabra Diniz, recorde-se que Matilde “Colaborou em dezenas de jornais e revistas, numa escrita fortemente comprometida e crítica. Nos seus textos, aborda desde os problemas morais e cívicos aos pedagógicos, numa linguagem que apela à comunhão e à simpatia humanas.”¹⁹

¹⁸ Note-se o significado da opção pelo uso da maiúscula neste vocábulo.

¹⁹ Vide <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=13368>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Considerações finais

Não obstante a impossibilidade de, nas circunstâncias de elaboração deste breve estudo, conseguirmos dar conta, na íntegra, da imensa herança literária e cultural dirigida à infância e à juventude pelas escritoras eleitas, aquilo que registramos – cremos – sinaliza um percurso meritório e consequente, uma acção honesta e desinteressada, um exercício constante centrado na criança e na literatura/cultura. A este grupo de artistas-cidadãs cuja biobibliografia atesta o facto da “comunicação com o público infantil surge [surgir] [...] como elemento integrado em obra multifacetada” (ROCHA, 1984, p. 105), poder-se-iam juntar – quem sabe em outros estudos futuros tal possa concretizar-se – outros nomes com bionotas similares e igualmente merecedores de atenção. Referimo-nos, por exemplo, a Irene Lisboa (1892-1958), reconhecida escritora e pedagoga portuguesa, que, em 1927, registou:

Bons livros para crianças são os que lidos pareçam falados. Afora esta qualidade que tenham os conceitos francos (sem impostura moralista para não enfadar), graça, ingenuidade e movimentação de figuras [...]. Compete aos escritores amenizar a literatura infantil e cuidá-la, e aos compradores saber descobrir o trigo entre o joio. (LISBOA, 1927, p. 255)²⁰

Pensamos, igualmente, em António Torrado (1939-2021), que, em 1988, em coautoria com Maria Alberta Menéres (1930-2019) e com o apoio da Comissão Nacional do Ano Internacional da Criança, edita, com a chancela do Instituto de Apoio à Criança, o volume *Crescendo e Aparecendo*, obra que se pretende ser um “tributo à criança que desejamos, hoje e no futuro, protegida, amada, respeitada e, porque eco precursor do homem vindouro, sempre como tal reconhecida.” (TORRADO; MENÉRES, 1988, p. 15). Nesse volume, cuja capa inte-

²⁰ Devemos (devo) (e agradecemos/agradeço) a Violante F. Magalhães esta referência/citação.

gra também a inscrição “Livro de leitura recomendado para escola de pais”, coligem-se, entre outros textos de autorias diversas (como de João dos Santos ou Matilde Rosa Araújo, por exemplo), os guiões e as sequências referentes ao programa Manuel e Beatriz (subintitulado *Recados da Criança ao Cuidado do País*), exibido na RPT, em 1979. De assinalar também é a publicação, em 1994, de *Da Escola Sem Sentido à Escola dos Sentidos*, igualmente assinado pelo autor de inolvidável conto *O Veado Florido* (1972). E é nesse livro de pedagogia, que ostenta com uma forma, um estilo e um conteúdo inusitados, que António Torrado deixa registado:

Acredito, apesar de tudo, na democratização do livro. E acredito, antes de mais, na progressiva desformalização do livro. Usá-lo sem cerimónia, mas com afecto, advém de um treino, que nasce muito antes da idade da leitura. O livro ilustrado ocupa aqui um lugar muito importante, quer como plataforma de relacionamento adulto/criança quer como objecto de descoberta individual e de recuperação e rememoração do convívio havido com o adulto. Também não será descabido considera-lo um útil auxiliar no adestramento e controlo motor. (TORRADO, 2002, p. 35).

E aos nomes de Irene Lisboa e António Torrado juntamos, ainda, por exemplo, o de Sophia de Mello Breyner Andresen²¹ (1919-2004) que declarou:

Há um problema nos livros para crianças que sempre me preocupou muito e que é um problema que dentro de uma organização capitalista é muito difícil de resolver, que é este: o livro para crianças deve ser um livro aberto, que abre o horizonte da criança para uma cultura literária, mas também deve abrir o horizonte da criança para uma cultura plástica. Aliás, as crianças, e eu já várias vezes em reuniões com crianças perguntei isso, querem um livro cuja ilustração seja bela. Ora, a ilustração dos livros é muito cara, e acontece esta coisa terrível – acontecia, no regime em que nós vivemos [ditadura salazarista]. É que um livro com ilustrações belas era um livro caro, que só podia ser comprado por

²¹ Sobre esta autora, sugere-se a consulta de “Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos”. Disponível on-line em: <https://purl.pt/19841/1/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

crianças privilegiadas (via Planeta Tangerina – via Jardim Assombrado) (ANDRESEN, 1991).²²

É, aliás, essa mesma autora, cujo legado integra os memoráveis contos *A Menina do Mar* (1958) ou *A Noite de Natal* (1959), entre outros, que pontua, no posfácio à antologia *Primeiro Livro de Poesia* (1991):

É possível que muitos considerem este livro difícil. Mas a cultura é feita de exigência. Por isso, afastei o infantilismo, o simplismo. Uma criança é uma criança. Não é um pateta. Não fiz divisões etárias. Nunca sabemos muito bem o que uma criança entende ou não entende e quais os caminhos do entendimento. Aliás, como os adultos, as crianças são diferentes umas das outras. [...] O livro está por isso aberto a todos para que a todos esteja aberto o acesso à sua plena possibilidade. [...] Não quis fazer um livro de ensino, mas apenas mostrar o poema em si próprio. Pois creio que só a arte é didáctica. (ANDRESEN, 1991, p. 185).

Com efeito, não será despidendo assinalar aqui o facto de, a 9 de Maio de 1974, Sophia de Mello Breyner e António Torrado, assim como, aliás, também Alice Gomes, Ilse Losa e Matilde Rosa Araújo, juntamente com vários outros escritores (também) para crianças (a saber, Ilídio Sardoeira, Isabel César Anjo, Lília da Fonseca, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Madalena Gomes, Manuela Cruzeiro, Maria Cândida Mendonça, Maria Cecília Correia, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Lamas, Maria Lúcia Namorado, Marina Algarvia, Mário Castrim, Noémia Setembro, Papiniano Carlos e Sidónio Muralha) terem assinado um telegrama de saudação da Junta de Salvação Nacional. Podia ler-se, então, no dito telegrama, retomado em notícia publicada no jornal *A Capital*²³: “Escritores portugueses saúdam Junta de Salvação Nacional e, solidários com os objectivos Movimento 25 de Abril, comprometem-se a continuar a ser intérpretes e zeladores

²² Mais aqui: http://ojardimassombrado.blogspot.com/2011/04/sophia-e-os-livros-para-criancas-1975_06.html . Acesso em: 12 jan. 2023.

²³ Devemos (devo) a partilha desta notícia a Eleonor Castilho, neta da escritora Maria Cecília Correia (1919-1993).

de uma autêntica Democracia num Portugal Novo, onde também a criança e o jovem, a quem têm dedicado grande parte do seu trabalho, ocupem o lugar justo que lhes é devido.”

José António Gomes, divulgando esta notícia, escreve a seu propósito:

Iniciativa bela, justa e que dignifica quem assinou – pensarão muitos. Assim pensamos nós, também, que bem conhecemos da História o que foi a acção cívica e pedagógico-cultural de vários destes escritores em prol da protecção à infância e à juventude e em defesa dos direitos da criança. Essa infância que, em Portugal, era vítima chocante, escandalosa das políticas económicas, sociais e educativas do fascismo, num tempo em que o analfabetismo e a iliteracia, o abandono escolar, o trabalho infantil e a reduzida escolaridade obrigatória eram apenas quatro das muitas doenças graves de que padecia o país, sujeito que estava à ditadura e marcado por índices de pobreza intoleráveis.²⁴

Cientes precisamente do cenário a que alude José António Gomes e testemunhando esse “incessante cruzamento entre literatura e sociedade”, defendido por Antonio Candido (2004), as três figuras eleitas para este estudo e todo o seu percurso, aqui brevemente referido, dão conta dos “ares” de um tempo, um tempo difícil a vários títulos, um tempo sociocultural, literário e humano que de muita cultura, muita literatura e muito humanismo carecia. Ilse Losa, Alice Gomes e Matilde Rosa Araújo assim o sentiram, porque se revelaram defensoras da “escola da palavra” (MAFFEI, 2019, p. 68), porque nunca desvalorizaram esse valioso fio que, provando a “utilidade do inútil”, une a palavra escrita e a vida (ORDINE, 2016).

Referências

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Primeiro Livro de Poesia*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

²⁴ Vide <http://ainocenciarecompensada.blogspot.com/search?q=salva%C3%A7%C3%A3o+nacional>. Acesso em: 1º fev. 2023.

- ARAÚJO, Matilde Rosa. *A Infância Lembrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- ARAÚJO, Matilde Rosa. *A Estrada Fascinante*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. *Para que serve a literatura?*. Porto: Deriva, 2010.
- GOMES, José António. *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: MC-IPLB, 1997.
- LISBOA, Irene. *Ler*. Revista Escolar, ano 7, n. 6 e 7, p. 255, jun./jul. 1927.
- LOSA, Ilse. *Nós e a criança – Um livro para os pais*. 2. ed. corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1980.
- MACEDO, Ana Cristina. *A escrita de Ilse Losa para a infância e a juventude*. Porto: Tropelias & Companhia, 2018.
- MAFFEI, Lamberto. *Elogio da Palavra*. Lisboa: Edições 70, 2019.
- MAGALHÃES, Violante F. Docência de literatura infantil nos cursos de formação da Associação de Jardins-Escola João de Deus. In: CARVALHO, António Ponces (org.). *100 Anos da Formação de Educadores em Portugal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus, 2021. p. 263-302.
- MARTINS, Manuel Frias. *A Lágrima de Ulisses*. Regimes da Cultura Literária. Porto: Editora Exclamação, 2021.
- MARTINS, Maria João. *História da Criança em Portugal*. Lisboa: Edições Parsifal, 2014.
- ORDINE, Nuccio. *A Utilidade do Inútil*. Matosinhos: Kalandraka – Faktoria K de Livros, 2018.
- ROCHA, Natércia. *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: ICALP, 1984.
- SILVA, Sara Reis da (Org.). *12 Vozes Clássicas da Literatura Infantojuvenil Portuguesa*. Aveiro: Bags of Books, 2022.
- SILVA, Sara Reis da. La censura de la literatura infantil y juvenil durante la dictadura de Salazar. In: TENA, Ramón; SOTO, José (ed.). *La Censura de la Literatura Infantil y Juvenil en las Dictaduras del Siglo XXI*. Madrid: Editorial Dykinson, 2023. p. 151-167.

TORRADO, António. *Da Escola Sem Sentido à Escola dos Sentidos*.
3. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

Recebido em: 16/02/2023
Aprovado em: 05/07/2023